


## Dreams in a Time of War: a Childhood Memoir

Texto de partida:  Dreams in a Time of War.pdf

Texto de chegada:

Eu nasci em 1938, sob a sombra de outra guerra, a Segunda Guerra Mundial, filho de Thiong'o wa Ndũcũ, meu pai, e Wajikũ wa Ngũgi, minha mãe. Eu não sei onde eu me alocava, em termos de idade, entre as vinte e quatro crianças de meu pai e suas quatro esposas, mas eu era a quinta da casa de minha mãe. Na minha frente havia minha irmã mais velha, Gathoni; o irmão mais velho, Wallace Mwangi; e irmãs Njoki e Gacirũ, nessa ordem, com meu irmão mais novo, Njinjũ, sendo o sexto e último filho de minha mãe.

Minha lembrança mais antiga de casa era a de que tinha um grande pátio, com cinco cabanas formando um semicírculo. Uma dessas cabanas era de meu pai, onde as cabras também dormiam durante a noite. Era a principal não por causa do seu tamanho, mas sim porque era à parte, equidistante das outras quatro. Era chamada de *thingira*. As esposas do meu pai, ou nossas mães, como nós as chamávamos, levavam comidas para sua caba em turnos.

A cabana de cada mulher era dividida em espaços com diferentes funções, com um fogão de três pedras ao centro; áreas para dormir e um tipo de despensa; uma grande seção para as cabras e, quase sempre, um pequeno recinto, um cercado para engordar ovelhas e cabras que serão abatidas em ocasiões especiais. Cada casa possuía um celeiro, uma pequena cabana redonda de palafitas, com paredes feitas de finas varetas entrelaçadas. O celeiro era uma medida de abundância ou escassez. Depois de uma boa colheita, ficava cheio de milho, batatas, feijões e ervilhas. Conseguíamos dizer se dias de fome estavam chegando ou não pelo tanto que havia no celeiro. Adjacente ao pátio havia um grande curral para as vacas, com estábulos menores para os bezerros. As mulheres coletavam os excrementos das vacas e das cabras e os depositavam em um local de despejo perto da entrada principal do terreiro. Com o passar dos anos, aquilo havia crescido em um monte coberto de urtigas verdes. O monte era tão grande e parecia, para mim, incrível que os adultos conseguissem escalar e descê-lo com facilidade. Dirigindo-se para baixo do monte havia uma paisagem arborizada. Quando uma criança que estava começando a andar, eu costumava seguir, com meus olhos, minhas mães e irmãos mais velhos enquanto passavam pelo portão principal que dava para o nosso terreiro, e isso me parecia que misteriosamente a floresta os engolia na manhã, e à tarde, igualmente misterioso, os vomitava intocados. Só foi mais tarde, quando eu consegui andar um pouco mais longe do jardim, que eu vi os caminhos entre as árvores. Eu aprendi que para além da floresta havia o povoado de Limuru e, do outro lado da linha de trem, havia plantações pertencentes a brancos, onde meus irmãos mais velhos iam pegar folhas de chá como pagamento.

Então as coisas mudaram, não sei o quão gradual ou repentino, mas mudaram. As vacas e cabras foram as primeiras a ir, deixando estábulos vazios para trás. O local de despejo não era mais um depósito de estrume e excrementos, mas de lixo apenas. Sua altura se tornou menos ameaçadora com o tempo e eu também consegui subir e descer com facilidade. Depois, nossas mães pararam de cultivar os campos em volta do nosso pátio; agora trabalhavam em outros, longe do complexo. A *thingira* de meu pai foi abandonada, e agora as mulheres caminhavam uma certa distância para lhe levar comida. Eu estava ciente das árvores sendo cortadas, deixando apenas tocos, solo sendo escavado, seguido por plantações de píretros. Era estranho ver a floresta se retraindo enquanto os campos de píretros avançavam. O mais espantoso era minhas irmãs e irmãos trabalhando sazonalmente nos novos plantios que devoraram nossa floresta, onde antes eles tinham trabalhado apenas além dos trilhos nas plantações de chá dos europeus.

As mudanças no espectro físico e social não ocorriam em nenhuma ordem discernível; elas se mesclavam, tudo um pouco confuso. Mas, de alguma forma, com o tempo, eu fui conectando alguns pontos, e as coisas se tornaram mais claras, como se eu emergisse de uma névoa. Eu aprendi que nossa terra não era bem a nossa terra; que nosso complexo era parte de uma propriedade pertencente a um senhorio africano, Lorde Reverendo Stanley Kahaku, ou Bwana Stanley, como o chamávamos; que agora nós éramos *ahoi*, inquilinos segundo a sua vontade. Como que nós nos tornamos *ahoi* em nosso próprio território? Tínhamos perdido nossa terra tradicional para os europeus? A névoa não havia se dissipado completamente.